

**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p023-046](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p023-046)

**“PODE ACREDITAR, TENHA FÉ QUE VOCÊ VAI ALCANÇAR”: BENZIMENTOS
E CURAS EM ESPAÇOS SAGRADOS EM JUAZEIRO DO NORTE**

“PUEDES CREER, TEN FE EN QUE LO LOGRARÁS”: BENDICIONES Y
CURACIONES EN ESPACIOS SAGRADOS DE JUAZEIRO DO NORTE

“YOU CAN BELIEVE, HAVE FAITH THAT YOU WILL ACHIEVE IT”: BLESSINGS
AND HEALINGS IN SACRED SPACES IN JUAZEIRO DO NORTE

*Renata Marinho Paz**

*José Felipe Lima Alves***

*Janaína Félix Júlio***

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar diferentes práticas de benzimentos presentes em três espaços sagrados centrais no itinerário dos romeiros em Juazeiro do Norte (CE). As etnografias desenvolvidas pelos autores deste artigo foram realizadas sobretudo durante as romarias de Finados, entre os anos de 2019 e 2024, e focalizam o Santo Sepulcro, santuário natural situado na serra do Catolé, popularmente conhecida como colina do Horto, o túmulo do Padre Cícero, no interior da capela do Socorro e a Casa da Madrinha Dodô, localizada na ladeira do Horto. Esses espaços foram selecionados por terem sido inscritos na topografia religiosa da cidade pela ação renitente dos romeiros; neles, memória e cultura se entrelaçam, representando para o devoto modos singulares de relação com o sagrado, por meio do agenciamento de distintas formas de benzeção. Neste trabalho analisamos tanto benzimentos operados por sujeitos mediadores, como na Casa de Mãe Dodô, quanto aqueles que se dão

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Proessora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA). Áreas de atuação: Sociologia da Religião, Cultura Popular e Patrimônio Imaterial. E-mail: rmarinhopaz@gmail.com.

** Professor da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: josefelipe.alves@urca.br.

** Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Antropologia Social pela UFRN. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri. E-mail: jana2felix58@gmail.com.

pelo contato direto com lugares santificados pela piedade popular, aos quais são atribuídos poderes de purificação, obtenção de graças espirituais e materiais, bem como a renovação de conexões com o sagrado, consigo mesmo e com divindades, como nos casos do túmulo do Padre Cícero e o Santo Sepulcro.

Palavras-chave: Benzimentos; Lugares sagrados; Juazeiro do Norte; Cura.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze different blessing practices present in three central sacred spaces on the itinerary of pilgrims in Juazeiro do Norte (CE). The ethnographies developed by the authors of this article were carried out mainly during the *Finados* pilgrimages, between the years 2019 and 2024, and focus on the Santo Sepulcro, a natural sanctuary located in the Catolé mountain range, popularly known as Horto hill, the tomb of Padre Cícero, inside the Socorro chapel and the Casa da Madrinha Dodô, located on the Ladeira do Horto slope. These spaces were selected because they were inscribed in the city's religious topography by the persistent action of the pilgrims; in them, memory and culture intertwine, representing for the devotee unique ways of relating to the sacred, through the agency of different forms of blessing. In this work we analyze both blessings performed by mediating subjects, such as at Casa de Mãe Dodô, and those that occur through direct contact with places sanctified by popular piety, which are attributed powers of purification, obtaining spiritual and material graces, as well as the renewal of connections with the sacred, with oneself and with deities, as in the cases of Father Cícero's tomb and the Santo Sepulcro.

Keywords: Blessings; Sacred places; Juazeiro do Norte; Healing.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar diferentes prácticas de bendición presentes en tres espacios sagrados centrales en el itinerario de los peregrinos en Juazeiro do Norte (CE). Las etnografías desarrolladas por los autores de este artículo se llevaron a cabo principalmente durante las peregrinaciones de *Finados*, entre los años 2019 y 2024, y se centran en el Santo Sepulcro, un santuario natural ubicado en la sierra de Catolé, conocido popularmente como cerro Horto, la tumba del Padre Cícero, en el interior de la capilla del Socorro y la Casa da Madrinha Dodô, ubicada en la ladera del Horto. Estos espacios fueron seleccionados porque quedaron inscritos en la topografía religiosa de la ciudad por la acción persistente de los peregrinos; en ellos, memoria y cultura se entrelazan, representando para el devoto formas únicas de relacionarse con lo sagrado, a través de diferentes formas de bendición. En este trabajo analizamos tanto las bendiciones realizadas por sujetos mediadores, como en la Casa de Mãe Dodô, como las que se producen a través del contacto directo con lugares santificados por la piedad popular, a los que se atribuyen poderes de purificación, obtención de gracias espirituales y materiales, así como de renovación de vínculos con lo sagrado, con uno mismo y con las deidades, como en los casos de la tumba del padre Cícero y el Santo Sepulcro.

Palabras-clave: Bendiciones; Lugares Sagrados; Juazeiro do Norte; Sanación

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo descreveremos e analisaremos rituais de benzimentos realizados em três espaços sagrados erigidos pela piedade popular em Juazeiro do Norte (CE), e que são pontos expressivos de devoção dos romeiros, a saber: o túmulo do Padre Cícero, no interior da Capela do Socorro; a Casa de Mãe Dodô, situada na Ladeira do Horto, e o Santo Sepulcro, na colina do Horto.

As análises aqui apresentadas resultam de três pesquisas de caráter etnográfico realizadas pelos autores em contextos de romaria em Juazeiro, especialmente durante as Festas de Finados, a maior das peregrinações, momento em que um grande contingente de devotos converge para os lugares aqui selecionados - em cada um desses três locais é possível observar formas de benzimento singulares, que possuem duas características comuns: a primeira é que estão vinculadas a uma devoção gestual e afetizada (Vainfas e Souza, 2000), baseada no toque, no contato com os símbolos sagrados e, segundo, é o fato de passarem ao largo do controle das autoridades eclesiásticas.

Revisitando as nossas entrevistas, notas de campo e experiências, o tópico benzimento emergiu como elemento aglutinador em nossas reflexões. Destarte, partimos da clássica perspectiva de Mauss (2013), para quem o ato de benzer é uma forma de ritual que contempla a transmissão de energia ou propriedades entre objetos, pessoas e ambientes. Benzer pode ser um ofício que envolve a presença de um agente, o rezador/benzedor ou a rezadeira/benzedeira, mas pode contemplar uma vasta gama de representações e simbologias, como as possibilidades de benzimento que são realizadas a partir do contato com objetos ou elementos da natureza. Em qualquer caso, a finalidade é a intercessão pela cura, seja ela o equilíbrio espiritual, emocional e material.

Os locais aqui analisados envolvem tanto práticas de benzimento operadas por agentes, como na Casa de Mãe Dodô, quanto aquelas que se dão pelo contato com espaços santificados pela piedade popular, onde memória e cultura se entrelaçam, e aos quais os fiéis atribuem poderes de purificação, expiação e renovação de conexões com o sagrado, consigo mesmo e com divindades, como nos casos do túmulo do Padre Cícero e o Santo Sepulcro.

Iniciaremos este artigo com uma breve contextualização do movimento sociorreligioso de Juazeiro. Em seguida apresentaremos os três espaços, acompanhados da descrição e análise das práticas de benzimento neles realizadas, com seus significados e simbologias.

2 O CONTEXTO: FÉ, RENITÊNCIA E ESPAÇOS SAGRADOS EM JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO

Situada ao sul do estado do Ceará, Juazeiro do Norte atrai anualmente cerca de dois milhões de romeiros e romeiras em torno da devoção Padre Cícero, santo canonizado pela piedade popular e que, em 2022, foi alçado à condição de Servo de Deus pela Igreja Católica¹. Devotos e devotas de diferentes regiões do país convergem à cidade ao longo do ciclo anual de romarias, do qual se destacam quatro grandes peregrinações: 20 de julho, data da morte de Padre Cícero; a festa da padroeira Nossa Senhora das Dores, na primeira quinzena de setembro; a festa de Finados, em fins de outubro e início de novembro, e a romaria de Nossa Senhora das Candeias, que vai do final de janeiro aos primeiros dias de fevereiro.

O fluxo de romeiros a Juazeiro do Norte teve início em fins do século XIX, a partir da divulgação dos chamados “milagres da hóstia”, protagonizados pela beata Maria de Araújo, que passou a ser cultuada como santa, juntamente com o Padre Cícero². Esses fenômenos se repetiram diversas vezes, se espalhando pelos sertões de boca em boca como rastilho de pólvora, alcançando também enorme repercussão na imprensa local e nacional - a notícia que circulava era que o sangue de Cristo estava sendo derramado no interior da província do Ceará pela boca da beata para redimir os pecados dos homens.

Para as autoridades eclesiásticas a ideia de uma segunda Redenção era uma heresia inaceitável, o que resultou numa questão religiosa com graves consequências para o

¹ O processo de beatificação do Padre Cícero foi aberto em agosto de 2022 e, na mesma ocasião, o sacerdote foi elevado à condição de Servo de Deus.

² Na madrugada do dia 1º de março de 1889, após passar a noite em vigília reunido com fiéis do Apostolado da Oração, Padre Cícero ministrou a comunhão aos presentes. Maria de Araújo, uma de suas beatas, ao receber a hóstia, entrou em êxtase e não conseguiu deglutir a partícula, pois ela se transformara em sangue. Os eventos se repetiram diversas vezes durante quaresma e deram origem às romarias a Juazeiro do Norte. Para maiores informações, ver Della Cava (1976), Paz (1998) e Nobre (2011).

Padre Cícero e a beata³. Durante quase um século, a despeito da potência e da magnitude do movimento de romeiros, a postura da Igreja Católica oscilou entre o combate, o silêncio e a omissão em relação às expressões da religiosidade vivenciada pelos devotos em Juazeiro. A ausência de ações pastorais estimulou o desenvolvimento das crenças e práticas piedosas populares, consideradas como expressões de fanatismo por parte das autoridades religiosas.

Não obstante o posicionamento da Igreja, a notícia dos milagres impulsionou milhares de pessoas a se fixarem no pequeno lugarejo, que acabou se transfigurando em lugar de salvação espiritual e material, instituído a partir de um regime de milagres (Reesink, 2005) que, conforme Andrade (2020), atua como um sistema que ressignifica a espacialidade urbana da cidade de Juazeiro e, conseqüentemente, seu *ethos*, transformando-a em terra santa.

Sob a liderança do Padre Cícero, que professava os preceitos beneditinos de trabalho e oração, Juazeiro tornou-se uma cidade sagrada erigida pela fé e pela renitência dos fiéis. Neste sentido, o engendramento de lugares sagrados pela piedade popular torna-se uma das características mais marcantes da efervescência sociorreligiosa do lugar: apesar da discriminação por parte da Igreja, os romeiros, de forma perseverante, compuseram seus espaços, considerados por eles como lugares fortes, sendo fiéis à sua crença e à sua devoção.

Entre esses espaços⁴, elegemos em nossa análise o Santo Sepulcro, o túmulo do Padre Cícero e a Casa de Mãe Dodô, tanto por serem locais sagrados que onde se produzem diferentes agências em termos de práticas de benzeção, quanto porque, em suas bases, se caracterizam fortemente pela presença da ação da devoção popular e, conseqüentemente, pelo afastamento, em maior ou menor grau, do controle face às ações das autoridades eclesiásticas⁵.

³ Padre Cícero teve as suas ordens sacerdotais suspensas; a beata, por sua vez, foi alvo de um violento processo de suspeição, desmoralização e apagamento da história encetado pelas autoridades eclesiásticas. Para maiores informações, ver Nobre (2011) e Olinda (2021).

⁴ Destacam-se a matriz de Nossa Senhora das Dores (atualmente Basílica Menor Santuário de Nossa Senhora das Dores), templo onde ocorreram os milagres da hóstia, a Capela do Socorro, onde Padre Cícero está inumado, o Santuário dos Franciscanos, a ladeira do Horto, a casa de Mãe Dodô, o Museu Cívico Religioso Padre Cícero e a Casa de Milagres.

⁵ Todavia, é essencial destacar que, como desde o início da década de 2000 tem havido uma expressiva aproximação das ações e posturas das autoridades eclesiásticas em relação às romarias, à religiosidade popular

3 O SANTO SEPULCRO: “AQUI A GENTE PISA MAIS LEVE”

O Santo Sepulcro integra o que vem sendo chamado de Complexo do Horto, que engloba a estátua monumental do Padre Cícero, o Museu Vivo Casarão do Padre Cícero, a igreja do Bom Jesus do Horto e o Santo Sepulcro. O Horto é um dos espaços religiosos mais expressivos do Nordeste brasileiro; nele, os romeiros reelaboram a topografia da cidade, sacralizando espaços e realizando inúmeras práticas de devoção e penitência (Paz, 2011, p. 203).

O nome do lugar revela a forte presença de uma cultura bíblica (Velho, 2007) no imaginário romeiro, e a significação de Juazeiro como uma cidade sagrada, onde o devoto pode reescrever, através de seus passos, a experiência de salvação presente nas Escrituras.

Espaço repleto de memória afetiva, onde a presença do Padrinho é sentida fortemente, o Horto está situado no alto da Serra do Catolé, e foi o local escolhido pelo sacerdote como espaço de oração e descanso; uma espécie de refúgio em meio aos desafios impostos pela questão religiosa com a Igreja Católica.

O Santo Sepulcro é o lugar mais milagroso do Horto. Seu trajeto se inicia após a igreja do Bom Jesus e tem cerca de seis quilômetros. É um percurso ladeado pela vegetação, com partes pedregosas e íngremes em alguns trechos; para muitos, percorrê-lo possui caráter penitencial. O caminho é extenuante, sobretudo para pessoas mais velhas ou com problemas de saúde, constituindo-se em um verdadeiro sacrifício. Ao longo do trajeto os devotos e as devotas vão amarrando fitas votivas nas árvores e nas cruzes por ele espalhadas, onde também costumam empilhar pedras de diversos tamanhos, como forma de simbolizar a passagem pelo local.

O Santo Sepulcro fica no final do percurso. É um santuário natural, composto por grandes rochas de granito. Segundo a tradição oral, era a morada de antigos beatos, que construíram capelinhas e lá realizavam penitências e autoflagelações. Ocupando o vazio deixado pela Igreja, eles foram os responsáveis pelo engendramento da mística do Santo Sepulcro. Barros (2001) o define de forma ímpar quando afirma que

e à devoção ao Padre Cícero, resultando num conjunto de ações sobre os espaços sagrados em Juazeiro do Norte. Para maiores informações, ver Paz (2011).

Para muitos um lugar encantado, o Santo Sepulcro está plantado na parte mais agreste da Serra do Horto e se constitui no último sítio histórico de Juazeiro, o único espaço do mundo dos beatos. Só os iniciados conhecem o caminho tão longo e tão cheio de pedras e areia, que no túnel do tempo, nos mergulha no Juazeiro de Maria de Araújo, no mundo de penitências, no universo do catolicismo popular tão perseguido pela modernidade e romanização da igreja [...]. Nenhum lugar do Juazeiro é tão crença, encantamento-sertão. Nenhum espaço sabe ser tão plasticamente fé, esperança e caridade (p. 153).

É, por excelência, um espaço penitencial envolto pela natureza, onde os fiéis buscam a purificação, a expiação e a renovação de conexões com o sagrado, consigo mesmos e com as divindades.

Nos dizeres da devota Jovaci Barros da Silva, 59 anos, romeira de Porto Real do Colégio⁶, o Santo Sepulcro é o lugar em Juazeiro onde “se pisa mais leve”. Em contraposição a outros espaços sagrados da cidade onde a mão da Igreja vem se fazendo sentir mais fortemente, através de uma presença mais constante e ativa, no Santo Sepulcro se teria mais liberdade, pois, segundo dona Jovaci,

[...] porque eu acho que lá tem mais assim, mais liberdade, aquela natureza toda. [...] Porque lá é muito ampla as coisas, é tudo assim... Eu acho que lá tem mais liberdade de conversar com o mundo através de lá, da caminhada que vai para as pedras, entendeu? A gente tem uma liberdade maior. Em outros lugares a gente tem que ter cuidado onde pisa e onde não pisa. Nos outros lugares é mais gente, e lá é mais espaço, mais tranquilidade, entendeu?

O fato de estar situado em meio à natureza, e de ser um espaço ainda relativamente livre de intervenções por parte dos poderes civis e eclesiásticos torna o Santo Sepulcro um ponto expressivo das crenças e práticas da piedade popular. Segundo os devotos, é o lugar mais místico do Horto, onde moram os encantados⁷. No Santo Sepulcro se destacam as Capelas de Santana e Santa Edwirges, erigidas por beatos na primeira metade do século XX, e quatro aflorações rochosas que reafirmam a condição do lugar como sendo de penitência e purificação: a pedra do pecado, a pedra

⁶ Entrevista realizada em 20 de março de 2024, em Juazeiro do Norte.

⁷ Mura (2013), citada por Júlio (2023), afirma que os encantados seriam uma criação divina; são indígenas encantados em vida por não terem passado pela experiência da morte, e sim por uma transformação que os torna imortais. São concebidos como protetores das aldeias, guerreiros, espíritos superiores, guias, praiás, mestres ou homens, e habitam lugares distantes, em castelos ou palácios localizados nas serras e nas fontes de águas.

da escada, a pedra da coluna e a pedra do marco do Padre Cícero. Destacaremos aqui as práticas realizadas na pedra do pecado e na pedra da coluna.

A pedra do pecado é uma imensa rocha íngreme, que possui uma fresta no meio, por onde os devotos precisam se espremer para passar, sob o olhar atento dos demais que esperam a sua vez ou apenas observam, apoiando e validando a ação, que se constitui em um ritual de penitência e purificação, tão importante para os devotos quanto a confissão auricular. Por vezes alguns precisam de ajuda; logo mãos solidárias estendidas colaboram na passagem. Aqueles que não conseguem passar estão carregados de pecado. A pedra da coluna, por sua vez, é uma peça de granito extensa, alongada na horizontal, ligeiramente curva, onde se deve caminhar esfregando as costas. Segundo a tradição, o ato possui efeito purificador e curativo, além de ser uma ação penitencial. Afora isso, o contato com esses lugares pode ser compreendido como uma forma de benção que está associada não só aos poderes atribuídos às pedras em si, mas à potência mística presente no espaço do Santo Sepulcro como um todo, pois é um lugar santo, sagrado. Nas palavras de Maria das Dores Guilhermino, mais conhecida como Dorinha do Horto, 49 anos, natural de Tacaimbó (AL), moradora da colina do Horto desde a infância, “Padre Cícero falava que o santo Sepulcro é um lugar muito sagrado, que o povo não tem ideia do que significava, e se soubesse, não cuspiria nem no chão, né comadre? Não cuspiria nem no chão”⁸.

Neste sentido, o que estamos considerando como prática de benzimento associada ao Santo Sepulcro é composta pelo conjunto caminhada/percurso entre as pedras/retorno, que compreende uma jornada em direção ao sagrado e, concomitantemente, uma purificação envolvida pelo contato com a natureza, a contemplação do lugar, o toque, a penitência, o ato de fricção corpórea com as pedras.

Tudo isso se coaduna com a perspectiva presente na ideia de sacrifício, proposta por Hubert e Mauss, que seria “[...] um ato religioso que, pela consagração de uma vítima, modifica o estado moral da pessoa que o realiza ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” (2017, p. 151). Aquele que iniciou o caminho do Santo Sepulcro não é

⁸ Entrevista realizada no dia 05 de março de 2024, em Juazeiro do Norte.

mesmo daquele que retorna, pois há uma mudança de estado: quem segue pelo caminho do Santo Sepulcro, que passa pelas pedras, que reza nas capelas, acende velas, amarra fitinhas votivas nas árvores e cruzeiros, deixa pedras no caminho simbolizando sua passagem volta abençoado, purificado, renovado. Com isso, de acordo com as palavras da romeira Jovaci Barros, “Dá para gente botar mais Deus no coração, entendeu, ficar mais na paz assim, olhando pro mundo, dizendo ‘Senhor, obrigada por eu estar aqui! Obrigada, meu Padre Cícero!’”

A partir do palmilhar nas trilhas, do contato com a amplitude e a potência de um espaço onde se inscrevem vivências e memórias face às coisas do “Padim Ciço, formas de benzimento são realizadas a partir do contato com objetos ou elementos da natureza, visando a cura em diversos sentidos.

A seguir, apresentaremos as análises referentes às práticas de benzimento realizadas pelos devotos no túmulo do Padre Cícero que, apesar de situado no interior de um templo católico, é alvo de conjunto de práticas rituais de benzimento que, em boa medida, passam ao largo do controle eclesiástico.

4 O TÚMULO QUE “BENZE E CURA”

Situada no Largo do Socorro, a capela de Nossa Senhora das Dores foi erigida em 1906, em pagamento de uma promessa realizada pela devota Hermínia Gouveia. Todavia, devido à questão religiosa envolvendo o Padre Cícero e a hierarquia eclesiástica, a capela não obteve autorização canônica para funcionar, o que não impediu que ela recebesse fiéis. Em seu interior foram inumadas a mãe do padre Cícero, a sua irmã e a beata Maria de Araújo, bem como o próprio padrinho, cuja sepultura tornou-se alvo de intensas práticas piedosas, a despeito da rejeição da Igreja.

O túmulo do Padre Cícero, assim como os outros espaços sagrados, é visitado pelos devotos durante as romarias, especialmente na Romaria de Finados, que se consolidou como o maior evento religioso realizado na cidade, especialmente com a visita dos devotos ao “túmulo do morto mais querido do Nordeste” (Silva, 2018, p. 189). A visita ao túmulo é uma das práticas realizadas na romaria que fortalece a ideia que ele funciona como um canal de comunicação entre os vivos e o morto, permitindo

ainda a definição desse espaço como um lugar de memória, de benzimentos e de cura.

Durante os dias de romaria, logo no início da manhã, começam as visitas, homenagens, orações e pedidos ao Santo Popular. Ao chegar na Capela do Socorro, percebe-se um entra e sai imenso, mesmo o cemitério público da cidade estando localizado atrás da Igreja, é para o altar central que se voltam os olhares, práticas e orações, é o local de guarda do corpo do Padre Cícero.

Ao tempo em que as missas são celebradas, muitos indivíduos entram e se dirigem ao túmulo do Padre, se benzem, se ajoelham e o tocam, ficam ali por alguns segundos ou minutos e se levantam. Após a missa, o número em volta do túmulo aumenta, são colocadas flores, muitos dos que estão de chapéu, tiram da cabeça, colocam em cima do túmulo e colocam na cabeça novamente. Colocam dinheiro, chaves de veículos, rosários, imagens, fotografias, bilhetes, garrafas com água. Sempre há uma pessoa da Igreja auxiliando essas práticas que objetivam benzer os objetos no túmulo do padrinho.

Pelo corredor central da Igreja, devotos entram de joelho, com rosário na mão e, rezando, vão até o túmulo, tocam na proteção que separa o altar do restante da Igreja. O choro é visto com frequência, sobretudo ao chegarem lá, é como se estivessem tocando no sagrado, é tocar no sagrado! - pois assim eles o concebem. O túmulo/altar, fica repleto de flores, de rosários, de objetos que são oferecidos em memória do “Padim”, seja em gratidão, pela saudade ou para pedir alguma benção. São muitos os testemunhos de graças alcançadas, que é possível ouvir também no som da Igreja, pois fazem questão de dizer que alcançaram por intermédio dele.

São vários testemunhos narrados a partir da memória e da devoção; é a fé que os fazem ir até lá, é a crença no santo que foi canonizado pelo povo. Em certo dia, um dos autores, ao conversar com Seu João Silva, um senhor de uns 70 anos, boné na cabeça e rosário no pescoço, ouviu: “se você pegar no túmulo dele, e pedir alguma coisa, pode acreditar, tenha fé que você vai alcançar”. Percebe-se as homenagens que são permeadas pela memória e pela gratidão, mas também pelos pedidos de intercessão. É a crença e a fé que se materializam, na imagem que ele representa, na sua alma e na simbologia, que formam o imaginário cultural e social do lugar.

Para além disso, os devotos acreditam que o túmulo tem o poder de benzer os objetos e as imagens, uma vez que “o espaço torna possível a comunicação com o transcendente” (Santos, 2009, p. 64). A visita ao túmulo do Padre Cícero tem vários sentidos, de fazer memória a sua história, de benzer objetos, de comunicar-se para agradecer e pedir e de homenageá-lo.

Em conversa com Seu Ailton, um senhor de 50 anos, morador de Caruaru – PE, quando indagado sobre a visita ao túmulo, com um pulo e um tom de voz alterado, responde:

Ave Maria! É o mais que eu vou, é o túmulo dele e o Horto. Ele falava aos mais velhos que quem vem em Juazeiro e não vem aqui no Horto, não vem em Juazeiro, eu venho 4, 5 vezes em Juazeiro e na romaria, todo dia eu venho no Horto e todo dia vou no túmulo. **Lá eu faço meus pedidos a ele** e sou atendido por ele, eu sou muito feliz, só tenho a agradecer a meu Padim. **Eu boto a chave do carro no túmulo, boto o chapéu, boto o celular, eu boto a carteira, tudo pra abençoar, porque eu acredito e confio** (Entrevista realizada em 01/11/2019, Horto, grifos nossos).

Percebemos, a partir dessa narrativa, que o túmulo possibilita a comunicação com o transcendente (Santos, 2009), é um lugar para fazer pedidos que são atendidos, mas também para benzer objetos que, na crença dos romeiros, são abençoados pelo Padre Cícero. Sandro, de Itabaiana – SE, contribui para essa afirmação do túmulo como espaço de comunicação, quando diz que

Eu agradeço, eu rezo, penso na minha família, penso nos amigos, e que dê muita paz a todos, um ano de esperança e que nunca devemos perder a esperança, acima de tudo fé em Deus e Padre Cícero, que despertou em nós nordestinos aquela fé de **poder fazer nossa promessa** e com ele poderemos **pagar diante do túmulo na Igreja do Socorro** (Entrevista realizada em 01/11/2019, Horto, grifos nossos).

Gabriel, um jovem romeiro de 25 anos, de Inajá – PE, também fala nessa mesma perspectiva:

Eu sempre tenho aquela fé também, tudo que eu compro eu levo lá, pra deixar lá, é um momento pra mim, sei lá, **que a fé que eu tenho é que ele vai benzer aqueles objetos**, um terço que eu compro, um livro, alguma coisa que eu compre sempre todo ano, eu levo lá no túmulo. Coloco lá, tenho o momento de oração, faço meu pedido, retiro e vou embora (Entrevista realizada em 01/11/2019, Horto, grifos nossos).

Essa narrativa vai ao encontro ao que disse Seu Ailton sobre a benção de objetos naquele espaço, pois acreditam que o contato deles com a lápide do túmulo é um contato com o sagrado, com uma sepultura sagrada, e que o morto ali sepultado benze o que entra em contato com ele. “É na matéria sobre um espaço religioso que os devotos asseguram seu equilíbrio e reconstroem seus pensares, no despertar das sensibilidades devotivas” (Halbwachs, *apud* Santos, 2009). Essa reconstrução ou construção desperta a sensibilidade dos devotos para as crenças, práticas de benzimentos e cultos no espaço material religioso, nesse caso, o túmulo. Assegurando assim, o equilíbrio da devoção com o espaço cultural.

As visitas ao túmulo são constantes, não só na romaria de finados que recebe o maior número de devotos, mas também nas outras romarias e nas missas que são celebradas nos dias 20 de cada mês em sufrágio de sua alma, sendo o dia 20 repleto de significados para os devotos, pois é o dia que marca a sua morte.

As motivações das visitas estão ancoradas na crença da sua permanência espiritual entre os devotos e do desejo de realização das práticas devocionais e rituais na sepultura sagrada. Sabemos que “toda fé traduz, incorporando em si mesma, ideias, sentimentos, práticas que, com ela, estruturam a experiência religiosa do sujeito numa totalidade complexa [...]” (Meslin, 2014, p. 119), a experiência religiosa é assim, vivenciada através das crenças, das emoções que emergem nas relações de devoção e nas práticas que são reproduzidas a partir dos exercícios de memória baseados na fé dos devotos.

As práticas emergem da crença, como pode ser percebido através da fala de Dona Maria, uma senhora de 72 anos, oriunda de São Bento do Una – PE “eu acho que ele ali dentro vivo e sã, pra ver e orar por todos nós. Peço o que ele ver que eu posso alcançar. A gente só tem aquilo que ele quer e que Deus quer. A gente faz os nossos pedidos, mas a fé é quem cura, e eles é quem sabe resolver toda nossa vida”⁹. Os pedidos são feitos pela crença no poder de intercessão do padre Cícero, de que ele tem o poder de decidir o que é melhor para suas vidas, e na sua existência espiritual, mas que se materializa no túmulo como uma *hierofania*.

⁹ Entrevista realizada em 01/11/2021, no Horto

É a partir da crença e da imposição de respeito com a sepultura, que eles reivindicam aquele espaço como sagrado. O respeito se dá porque “o sagrado é o âmbito especial, poderoso, separado – o âmbito que simplesmente não ousamos tocar ou do qual não ousamos aproximar-nos descuidadamente” (Meslin, 2014, p. 47), para tocar nos espaços ou objetos sagrados, é preciso respeitá-los e estar convicto de que as práticas realizadas nesses espaços devem ser voltadas à devoção com o padre Cícero, bem como da religiosidade católica, ainda que elaboradas pelo catolicismo popular.

Como já mencionado, a visita no túmulo é acompanhada de orações, da oferta de flores, das velas que são acesas nos velários que ficam na praça em frente à Igreja, da benzedura dos objetos, das garrafas de água, dos chapéus, dos artigos religiosos. São rituais carregados de simbolismo. As preces, por exemplo, são a centralidade desses rituais, sejam elas feitas em silêncio, proferidas de forma oral, cantadas ou ainda seguindo a liturgia das celebrações. Para Mauss (1979a), a prece é também um fenômeno social, pois o caráter social da religião está suficientemente demonstrado. Uma religião é um sistema orgânico de noções e de práticas coletivas relacionando-se com os seres sagrados que reconhece” (p. 117).

A prece emerge então, como a materialização de uma relação do devoto com o padre Cícero, em seus mais diferentes conteúdos e formas, “suas formas são de origem exclusivamente social”, e assim o são, porque são elaboradas pelos indivíduos através dessas relações com o sagrado, mas também entre eles mesmos, que de forma coletiva elaboram as características dos rituais. Sendo assim, “é o ritual que constitui a própria base da prece a mais individual” (ibid, p. 119), uma vez que “ela não existe fora do ritual” (ibid, p. 118).

A simbologia construída pelos devotos nas romarias, sobretudo na visita ao túmulo, perpassa os símbolos que são utilizados como mediadores da crença e das práticas nos rituais, sejam nas preces ou nas homenagens, como as velas e as flores. Essa linguagem simbólica é revelada nos outros significados que são atribuídos ao túmulo diante da devoção, ele atua como um lugar que “benze e cura”. Como pode ser visto a partir da fala de Seu Sandoval, quando nos apresenta o que faz ao visitá-lo:

Quando eu venho no túmulo de meu padrinho, boto meu chapéu. Quando eu cheguei aqui a primeira vez eu botei meu chapéu no túmulo de meu padrinho Cícero, sentia uma dor de cabeça terrível, fiquei bom, botei o chapéu no túmulo e rezei. Por quê? Porque eu tô bem pertinho! Já pensou eu chegar assim e tocar em você (tocou em mim), se eu chegar assim de longe e só falar: ei tudo bom? Mas se eu pegar em sua mão num fica melhor? É a mesma coisa de pegar nele, é mais fervoroso, aumenta a fé. Estou abraçando ele. Se você pegar num fio de energia, o que é que você sente? Descascado? [Respondi: choque. E se você pegar sem ser descascado? Num sente nada. **Então se você tocar em meu padrinho Cícero com fé e confiança, você sente aquela energia, aquela força. Eu mesmo sinto isso** (Entrevista realizada em 02/11/2019, Capela do Socorro, grifos nossos).

Para Seu Sandoval, o fato de tocar no túmulo, colocar o chapéu com fé, foi o motivo da cura para suas dores de cabeça, porque “pegar nele é mais fervoroso”, envolve uma energia. A sepultura materializa-se como um símbolo religioso, ligando os indivíduos à totalidade que compreende a romaria, sobretudo no que diz respeito à crença e aos rituais. Dessa forma,

[...] O que permite ao símbolo exprimir uma experiência religiosa é o fato de estabelecer uma relação entre dois níveis diferentes de significação: o da natureza em que vive o homem e à qual pertence o sinal portador de um novo sentido, e o da cultura religiosa da qual o homem participa (Meslin, 2014, p. 225).

A natureza está relacionada à própria existência ontológica do indivíduo e as cosmovisões que ele elabora a partir dos sentidos da crença e dos símbolos que exprimem a devoção na cultura religiosa, nesse caso, na romaria de finados, sobretudo no túmulo. Isso se constitui a partir do que é projetado pelo imaginário social, uma vez que “o imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que esse último “ativa” os diferentes sentidos de compreensão do mundo” (Legros *et al*, 2014, p. 112).

Ainda refletindo sobre o túmulo que “benze e cura”, observamos na Capela do Socorro no dia 02 de novembro de 2021, Dona Zulene, uma senhora de 60 anos, devota e moradora de Juazeiro, trajando uma saia a altura do joelho, blusa de mangas, um pano amarrado na cabeça, um maço de velas na mão e um pandeiro na outra, estava em pé na frente da sepultura, segurando na proteção. Mesmo circulando entre os inúmeros romeiros que estavam na cidade, ela afirma que nunca deixa de visitar o túmulo no dia 02, “todo Dia de Finados eu visito o túmulo, eu acho uma coisa muita

importante, porque ele morreu e a fé dele ficou viva entre nós, que é pra nós crê e botar mais fé que ele existiu e ainda existe, permanecendo entre nós”¹⁰.

Dona Zulene, conhecida como a “vovozinha do pandeiro”, é figura conhecida entre os romeiros pelas suas rimas que são apresentadas com o auxílio do instrumento. Ao afirmar sobre a visita que considera obrigatória, ela diz que são motivadas “porque ele é muito poderoso, muito milagroso, faz muita fé, faz muita devoção, o povo faz promessa, alcança”. Em uma conversa entusiasmada, em momentos marcada pela emoção manifestada através das lágrimas nos olhos, ela apresenta em palavras a crença de muitos devotos que visitam não só o túmulo, mas todos os espaços religiosos de Juazeiro.

Tá tomando todo tipo de medicamento, vem pedir a graça, para de tomar todos os medicamentos, e o que vale é a fé, esqueça o medicamento e bote a fé em Deus e **confie em padrinho Cícero, que ele vai dar a saúde, a fé, a esperança, a felicidade e a sobrevivência pra nós viver muito mais**, em nome do Senhor Jesus (Grifos nossos).

Essa afirmação vai de encontro aos dois níveis diferentes de significação do símbolo que exprime a experiência religiosa (Meslin, 2014). Essa significação, assim como na fala de Seu Sandoval é traduzida pela linguagem simbólica e da crença que Dona Zulene tem no túmulo, tanto pela sua materialidade que permite uma eficácia aos rituais, onde ocorre a *hierofania*, como pela espiritualidade representada através da fé e da devoção. Nesse sentido, apresenta uma crença que é compartilhada por todos os devotos, que a partir das suas práticas fortalecem os vínculos religiosos e de sociedade. Isso porque, “uma sociedade só pode viver se suas instituições repousam sobre fortes crenças coletivas” (Halbwachs *apud* Legros *et al*, 2014). Essas crenças dos devotos em sua totalidade, que participam da romaria e visitam o túmulo estão relacionadas ao seu poder de “benzer e curar”, como afirma Dona Zulene:

Aí eu venho aqui pra agradecer o milagre que ele faz comigo e com todo mundo. Pergunto: o lugar é aqui? É aqui no túmulo, porque é aqui onde ele foi sepultado, **é onde o povo bota mais fé, é onde ele foi sepultado. É onde o povo benze vela, benze fita, benze uma roupa dum doente, benze um caneco d’água e dar aquele doente pra beber, pois só aquela fé que ele tem em meu padrinho Cícero é que cura**. Bota no túmulo aí tira, aquela água já tá benta. Pode chegar

¹⁰ Entrevista realizada na Capela do Socorro, em 02/11/2021.

em casa e dar pra pessoa mais doente que tiver dentro de casa. Tem gente que tem catarata nos olhos aí lava o rosto, tá com dor de cabeça, molha a croa da cabeça, ali você esquece, ali tudo passa, passa dor, passa estresse, passa nervoso. Tem que ser no túmulo, benzer no túmulo (Dona Zulene, 60 anos, Entrevista realizada na Capela do Socorro em 02/11/2021, grifos nossos).

Como ela afirma, a fé dos devotos permite a construção de relações entre eles e o padre Cícero. A crença baseada na fé no “padrinho que cura” emerge da religiosidade popular que age como um organismo vivo, pois a partir da experiência religiosa e de suas motivações há “o desejo do homem crente de estabelecer com o divino relações mais simples, mais diretas e mais imediatamente benéficas” (Meslin, 2014, p. 309). Essas relações são estabelecidas através do contato com os espaços sagrados, como o túmulo que permite o contato mais direto do devoto com o “santo”, que por sua vez, atua beneficentemente em favor dos pedidos que são feitos e da crença nas graças alcançadas e na proteção que adquirem no contato direto com o divino, ou seja, com o padrinho, visto que, “a imanência da religiosidade repousa sobre os elementos afetivos, vetores psíquicos da credulidade, da devoção e da humildade” (Legros *et al*, 2014, p. 73).

Assim, o túmulo exerce esse papel de centralidade nas romarias de Juazeiro do Norte, lugar sagrado visitado pelos devotos em busca do contato com o divino, com a proteção, com a cura, com o aconselhamento, do benzimento de objetos, da purificação do espírito, mas também do agradecimento, do cumprimento da promessa e da renovação dos pedidos.

O último espaço analisado é a casa da Mãe Dodô, local que ainda permanece fora do controle eclesiástico e cuja singularidade reside no fato de ser um misto de lugar para acolhimento de romeiros e devotos, santuário e espaço sagrado onde se realizam um conjunto heteróclito de práticas religiosas católicas, indígenas e espíritas.

5 REZAS, BENZIMENTOS E CURA: A INTERAÇÃO CORPORAL DOS FIÉIS COM O UNIVERSO SAGRADO DA CASA DA MADRINHA DODÔ

A Casa da Madrinha Dodô está situada na rua que dá acesso à Colina do Horto, lugar onde se encontra a estátua de Padre Cícero. O local é considerado pelos fiéis que vão à busca de cura e de orações, um santuário destinado à devoção e à penitência.

Maria das Dores dos Santos (1902-1998), mais conhecida como Madrinha Dodô, é considerada uma santa, tendo sido devota e assistente pessoal de Padre Cícero Romão Batista¹¹.

Em Juazeiro, ela fundou a Casa da Madrinha Dodô ou a Casa do Romeiro. Os diferentes sujeitos desse fluxo romeiro estabelecem relações com a materialidade dos objetos e das coisas em dois espaços sagrados na casa, dois cômodos se destacam: a sala de orações e o quarto da madrinha Dodô, onde são guardados seus últimos pertences. São espaços considerados sagrados pelos fiéis que vão à busca de cura, orações e pagamentos de promessas. Destacamos três objetos com os quais há uma expressiva interação corporal: as estátuas em tamanho real do Padre Cícero e da Madrinha Dodô e a Santa Cruz. Nessas interações observamos toques, beijos nas fitas da Santa Cruz; os romeiros colocam objetos pessoais sobre as estátuas dos santos populares para abençoar seus pertences, invocando a proteção do céu sobre as coisas.

Indagados a respeito da finalidade dessa prática, eles afirmam que ali não está apenas a representação dos santos, mas a *presença* do santo. Os três objetos possuem corpos santos com propriedades constituídas por matéria e espírito, não são somente a representação da imagem dos entes, são os próprios objetos seculares vivos e não mortos, capturados em situações que os agentes religiosos incorporam por meio de práticas do catolicismo. Outros objetos fazem parte do cenário religioso, compondo uma estética singular, um heteróclito com esculturas, fotografias, quadros e imagens de santos, pessoas.

¹¹ De acordo com Carvalho (2011), Maria das Dores dos Santos era uma alagoana natural de Água Branca, descendente de indígenas que, desde muito jovem, levava uma vida de penitência e beatitude. Aos doze anos de idade passou a fazer romarias ao Juazeiro, trazendo devotos de sua terra natal. Aos quinze anos passa a morar com Padre Cícero e suas beatas. Após o falecimento do Padrinho, em 1934, ela retorna à Água Branca e, depois vai residir em Santa Brígida-BA. Em 1945 se associa ao líder espiritual Pedro Batista, que vivia pregando o evangelho pelos sertões. Sob a liderança de Pedro Batista, estabelecem em Santa Brígida um espaço de devoção popular marcado pela penitência e observância a um rígido código moral. Após o falecimento de Pedro Batista, Maria das Dores assumiu a liderança do grupo, tendo passado boa parte de sua vida transitando entre Santa Brígida e Juazeiro. Nesta localidade, adquiriu um terreno na Ladeira do Horto, onde construiu uma casa de apoio para romeiros, espaço de intensa efervescência religiosa.

Aspectos religiosos e os cultos aos santos no catolicismo são campos frutíferos para refletir sobre as relações entre sujeito e objeto, vivo e morto, ou espírito e matéria. Nesta interação, a qualidade daquilo que é material se movimenta, fazendo repensar estas oposições. Elementos que, numa leitura etnográfica das práticas religiosas, perpassam oposições entre humanos e sagrados, mas que, conforme Lima (2014), nas festas de santos e devoções cotidianas, existe uma relação física entre a “pessoa” e “santo”, isto é, são interações corporais entre devotos e santos. A casa da Madrinha Dodô, enquanto *locus* do catolicismo popular, abrange esses aspectos de noções e representações que envolvem interações entre pessoas, objetos e coisas da materialidade desses agentes religiosos estruturantes que fazem parte da sacralidade do Cariri Cearense.

Além dessa interação entre as pessoas e os santos, mantém-se na casa da madrinha Dodô vivências no universo sagrado das rezadeiras que ali habitam. Rezadeiras e indígenas ressignificam o espaço por meio de rituais praticados por rezadeiras indígenas Kapinawá e indígenas Pankararu de Brejo do Padre (PE) durante a romaria de Finados.

Dona Maria Isabel dos Santos, 62 anos, é uma rezadeira e indígena Kapinawá. Dona Izabel como é conhecida, é uma das últimas rezadeiras da irmandade de beatas de Madrinha Dodô, tendo sido criada por ela. De portas e coração abertos, dona Isabel abre a casa para as pessoas que procuram orações. Todavia, na romaria de Finados a casa ganha uma nova roupagem, ao abrigar um fluxo intenso de indígenas romeiros. Para dona Isabel, a casa, na romaria de Finados,

É o acolhimento pra todos que vem, mãe Dodô já deixou assim né?! então, essa casa foi comprada por 10 mil réis, 10 mil réis na época era dinheiro como folha de pau. É dos romeiros dela, por isso que ninguém paga para ficar hospedado aqui, os romeiros do tempo dela. Quem tem a boa vontade o bom coração, dá uma ajuda para água e para luz, nem todos que dá, quem reconhece. Eles trazem o dicomer, o que faltam compram aqui. Vem um cozinheiro para cozinhar pra eles. (Dona Isabel)

Mura (2012), que vivenciou as romarias de Finados em Juazeiro do Norte, acompanhando os indígenas Pankararu de Tacaratu (PE), informa que o itinerário deste grupo e as datas das visitas a cada um dos locais foram estabelecidos pela

madrinha Dodô ainda em vida. Era ela quem orientava os índios e muitos outros romeiros (p.267). Sobre a casa da madrinha Dodô, a autora salienta que

[...] além de ser o lugar de convergência para descansar e viver a comensalidade adequada ao espírito da *communitas*, é o fulcro para o desenvolvimento de rituais de cura. A visibilidade alcançada através dos rituais de cura na *casa da madrinha Dodô*, diante de um público oriundo de diferentes lugares do Nordeste, promove a divulgação das habilidades desses especialistas rituais e impulsiona posteriormente a procura por eles em seus locais de residência. Proporciona, portanto, uma fama particularmente ampla no que diz respeito a espaço e incentiva os *romeiros* a deslocarem-se para se submeterem às curas (2012, p. 272).

Mura (2012) descreve a casa da madrinha Dodô como um lugar em comum para viver, descansar e repousar de forma apropriada ao espírito de *communitas* (Turner, 2013), constituindo-se em um sustentáculo para a promoção dos rituais de *penitência*, *devoção*, *peregrinação* e *cura*.

O processo da *penitência* consiste no pagamento de *promessas*, motivação principal dos romeiros Pankararu que enfrentam viagens anualmente de Brejo dos Padres (PE) a Juazeiro, com elevada valorização na *beata Madrinha Dodô*, *Padre Cícero* e o *beato Pedro Batista*, personagens que para eles, refletem autoridade moral, empenho e dedicação em assuntos religiosos.

Os indígenas Pankararu realizam a reza da cura em uma noite da romaria na Casa da Madrinha Dodô. Conforme dona Izabel, “Mês de outubro, dia 29! Tá com muito tempos que eles vêm, a tradição já vem de meu Padrinho Pedro de Santa Brígida e do meu Padrinho Cícero e aqui Madrinha Dodô”.

6 REZAS, BENÇÃOS E MEDIUNIDADE

Dona Isabel, antes de começar a rezar, pergunta o nome da pessoa, olhando fixo para seus olhos. O consulente fala seu nome, enquanto ela toca na cabeça, na região do tórax e na região das costas, e por último nos pés. Rezando fervorosamente e pronunciando o nome da pessoa, entre uma oração e outra, reza pedindo para “Suspender dessa matéria das costas e da frente em nome de Deus, benções divinas, suspendem as agonias, tristezas, preocupações, maus sonhos, as mal valências que

atrapalham o viver”. Em seguida faz o nome do Pai/em nome do Filho/em nome do Espírito Santo. Em voz alta ela canta:

O nome de Deus é santo, é sagrado, é poderoso.
O nome de Deus é santo, é sagrado, é poderoso.
O nome de Deus é santo, é sagrado, é poderoso.
O nome de Deus é santo, é sagrado, é poderoso.

Na oração, que dura em média três horas, ela reza para proteger a morada, as invejas e a má vontade que vem nos trabalhos. Orando e rogando, ela pede para suspender as energias negativas, para tirar a moleza do corpo ou esmorecimento, tirando da cabeça aos pés em nome do senhor Jesus Cristo. Reza também o deitar e o levantar em nome de Deus, ressaltando contra inveja, pela falta de coragem e disposição e, ao final, ela pede para o consulente dizer amém. Pedindo perdão a Deus ela reza três vezes em cada consulente que está em busca de bençãos, orações e obtenção de graças.

Entre uma oração e outra, alguns pacientes incorporam. As rezadeiras afirmam que “são seres que não estão nesta matéria”, ambos se comunicam em um transe. Em algumas situações, os familiares ou amigos que estão presentes intervêm no diálogo que está sendo estabelecido. Essa manifestação mediúnica se apresenta, conforme Quintana (1999):

Com movimentos rápidos e extenuantes do corpo: o tronco verga para frente ou para trás; braços e cabeças são sacudidos violentamente; perde-se *assim*, o controle sobre o próprio corpo. Após o fato, às vezes ficam sequelas: fortes dores de cabeça, no peito, tronco, braços e pernas, como se a pessoa tivesse sido espancada. Há um desconhecimento e estranhamento sobre o que se passa consigo mesmo, o que explica o recurso ao sobrenatural (p. 110).

A consulente Cícera da Silva Souza, 38 anos, afirma que procurou a casa da madrinha Dodô quando começou a demonstrar os primeiros sinais da mediunidade e sofrimento ligado às manifestações. É significativo destacar a mediunidade das beatas rezadeiras entre uma ladainha e outra, já que elas entram em transe para resoluções de questões pontuais entre os médiuns que estão em busca da cura.

Em uma das entrevistas, Dona Izabel relatou que, quando inicia a oração do Credo, ela já não se lembra de nada. Bem como, quando ela indica banhos de ervas ou

mesmo chá de ervas como medicamentos para a cura, é necessário anotar, pois logo em seguida ela não lembra.

Na última etapa do ritual, Dona Izabel usa um antídoto (uma mistura com semente de imburana, anilina e amoníaco) colocado em um frasco de desodorante spray que ela recicla. Ela ministra com um sopro nos ouvidos, olhos e nariz dos consulentes. No núcleo desta ordem simbólica entre a rezadeira e o consulente incorporam-se dois elementos que se destacam: o número três e o sinal da cruz. A cruz está presente do início ao fim nos movimentos gestuais realizados por Dona Izabel, desde a entrada na sala de orações ao final da reza, assim como no tórax, na cabeça dos pacientes e em outros momentos do ritual. O número três, da mesma forma, está conectado com a Santíssima Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo).

Conforme Carvalho (2011), o número três ou o múltiplo dele, faz parte da terapêutica da benzeção, envolvendo desde o número de vezes que o cliente deve voltar para a nova benzeção, ou mesmo na dosagem de ingredientes das poções mágicas. O uso do número três em algumas orações, lembrando que estão sempre acompanhadas do sinal da cruz ou movimentos que representam a cruz cristã.

Crisanto (2018), escrevendo sobre devoções e herança messiânica no sertão nordestino, a autora afirma que existem uma força e uma devoção nas três divindades: *Padre Cícero, Madrinha Dodô e Pedro Batista*, para os romeiros formam um eixo de divindades através dos quais estes vivenciaram experiências com o sagrado.

Todavia, mesmo que se reconheça a força do sagrado no momento da oração da cura, a rezadeira não é destituída de seu poder, uma vez que é por meio dele que se executa a cura, a rezadeira é uma ponte ou caminho para o consulente encontrar a cura. Como afirma Alberto Quintana (1999, p. 116): “A benzedeira, ao ser intermediária das forças divinas, ao ser escolhida para representar os deuses e exercer em nome desse trabalho, estabelece a assimetria necessária, fundamental, para que a benzedura produza efeitos simbólicos”. Neste mesmo sentido, Carvalho (2011) afirma ainda que o papel da rezadeira é de intermediário, por isso, vimos que ela cura em nome de Deus ou Jesus e Nossa Senhora das Dores nas orações.

Os trabalhos de cura na casa da madrinha Dodô, são meios terapêuticos eficazes para as pessoas que se submetem à cura. As diferentes histórias das que contam a respeito de casos de doenças e curas das pessoas que procuram a casa da madrinha Dodô, revelam itinerários complexos entre distintos serviços terapêuticos para os pacientes, bem como, um (ar) de muito mistério, por toda parte, das pessoas ao relatarem as experiências.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Juazeiro é um lugar de refrigério para os devotos que, aos milhares, convergem anualmente para a cidade para agradecer as graças obtidas, renovar os laços com o padrinho e Nossa Senhora das Dores e receber bençãos. Isto porque estas devoções são cruciais na vida dos romeiros, e estão associadas à necessidade de se fazer presente na cidade, expressando suas crenças e práticas religiosas.

Nos espaços aqui analisados, a piedade popular é pungente, e neles se destacam práticas de benzimento tradicionais realizadas pelos devotos, e que passam ao largo da ação e do controle da igreja. As benzeções aqui analisadas contêm importância e interesse próprios, sobretudo associados ao valor que têm para os fiéis. Todavia, face às intensas transformações que vêm sendo observadas nas romarias à cidade, com destaque para aquelas resultantes do incremento do turismo religioso e dos esforços de aproximação e regulação encetados pela Igreja Católica, destacamos a dimensão política que esses rituais podem assumir no que diz respeito ao papel e ao lugar ocupado pelo povo que, ao longo de mais de um século, vem construindo de Juazeiro enquanto cidade santa.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à presença de uma pluralidade de universos religiosos de sentido em Juazeiro, como as práticas realizadas na Casa da Mãe, que envolvem catolicismo, espiritismo e elementos indígenas. Na medida em que a localidade é considerada demográfica e culturalmente católica, este é um dado relevante, que esperamos que seja mais explorado em outras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Felipe de Lima. *“Aqui falta um degrau para o céu”*. Rituais pós-morte, práticas devocionais e imaginário social nas Romarias de Finados em Juazeiro do Norte (CE). 196f. Tese (programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade Estadual do Ceará, 2024.

ANDRADE, Fagner José. *“É tudo milagre do padrinho”*. Materialidades sacralizadas na cidade santuário de Juazeiro do Norte (CE). 135 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) UFPE. Recife, 2020.

BARROS, Luitgarde Oliveira. Santuários, Peregrinações e Novas Modalidades de Concentrações Humanas nas Práticas Religiosas. *Diálogos Latinoamericanos*, n. 3, 2001. Disponível em

OLINDA, Ercília Maria Braga de. *Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra*. Juazeiro do Norte: BSG, 2021

CARVALHO, Anna Christina Farias. As Irmandades de Penitentes do Cariri Cearense e as Práticas Mágico-Religiosas na (re)construção de Bens Simbólicos de Salvação. *ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA* – João Pessoa, 2003.

CARVALHO, Anna Christina Farias. *Sob o signo da fé e da mística*. Um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense. Fortaleza: IMEPH, 2011.

CRISANTO, Lays. *A batida no chão, o subir da poeira: o clamor da oração e memória na construção do ritual de São Gonçalo*. 143f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

JÚLIO, Janaína Félix. *Fluxos religiosos na Casa de Madrinha Dodô* – Ladeira do Horto, Juazeiro do Norte (CE). 131f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

LEGROS, Patrick *et al.* *Sociologia do Imaginário*. Trad. Eduardo Pontanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. *É como se fosse Santa Rita*”: processos de simbolização e transformações rituais na devoção à Santa dos impossíveis. 271 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MAUSS, Marcel. A Prece (1909). CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo: Ática, 1979a. Grandes Cientistas Sociais.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MESLIN, Michel. *Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

- MURA, Claudia. “*Todo Mistério tem dono!*”: Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu”. 352 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- NOBRE, Edianne. *O teatro de Deus: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro*. Editora IMEPH, 2011.
- PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento: A Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro do Norte*. 1 ed.- Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- QUEIROZ, Maria Isaura de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976b [1965].
- QUINTANA, Alberto M. *A ciência da benzedura, mau olhar e uma pitada de psicanálise*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- REESINK, Mísia Lins. Para Uma Antropologia do Milagre: Nossa Senhora seus devotos e o regime de milagre. *Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia*, Vol. 18, n. 44- maio/agosto de 2005.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SANTOS, Cicero Joaquim do. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. 229 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História e culturas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- SILVA, Amanda Teixeira da. *Juazeiro sem Padre Cícero: uma cidade que não se esqueceu (1934-1969)*. 308 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- VAINFAS, Ronaldo e SOUZA, Beatriz. *Brasil de Todos os Santos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- VELHO, Otávio. *Besta Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.